

Eu sei o que vocês fizeram no verão passado: análise discursiva de uma participação na política brasileira

I know what you did last summer: a discursive analysis of a participation in Brazilian politics

Luís Rodolfo Cabral*
Instituto Federal do Maranhão

Resumo: Neste trabalho, buscamos investigar o funcionamento discursivo do enunciado “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado”, que circulou na cena política brasileira nos últimos anos. Em segundo plano, problematizamos as famílias de participações. O aporte teórico é o da Análise do Discurso de linha francesa, da qual mobilizamos os conceitos sobre enunciação aforizante, mais especificamente o de participação. Do ponto de vista metodológico, construímos um *corpus* a partir de excertos de textos da mídia impressa, televisiva e digital, em que ocorrem o enunciado e suas possíveis variações. Considerando que, no *corpus*, as ocorrências do enunciado não são introduzidas por verbos *dicendi* e a sua interpretação exige a ativação do *thesaurus*, entendemos que ele corresponde a uma participação. Como resultado, observamos que o enunciado analisado não se enquadra, do ponto de vista classificatório, em nenhuma das famílias de participações canônicas, o que indica a necessidade de ampliação do quadro teórico sobre o regime aforizante.

Palavras-chave: Participação. Enunciação aforizante. Discurso político. Análise do Discurso de linha francesa.

Abstract: In this study, we aim to investigate the discursive functioning of the statement “I know what you did last summer”, which has circulated within the Brazilian political scene in recent years. The theoretical framework employed is based on French Discourse Analysis, with a particular focus on the concepts of aphorising enunciation. The *corpus* consists of excerpts from print, television, and digital media in which the statement and its potential variations appear. Given that, in the *corpus*, occurrences of the statement are not introduced by verb *dicendi* and its interpretation requires the activation of a *thesaurus*, the reason why we argue that it corresponds to a participation. From a classificatory standpoint, the analyzed utterance does not fit into any of the canonical participation families.

Keywords: Participation. Aphorising enunciation. Political discourse. French discourse analysis.

FLP 27(1)

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre os campos de investigação aos quais a Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD) vem se dedicando, os estudos sobre a teoria da enunciação aforizante ocupam lugar de relevância. Sob essa perspectiva, as reflexões giram em torno da existência de um regime enunciativo que abarcaria enunciados destacados por natureza ou pela ação de um terceiro, postos a circular nos mais variados contextos e condicionados a restrições correspondentes a um estatuto pragmático particular.

No campo político, esses enunciados destacados costumam ser tratados como

* Professor do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês e Rosário. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do grupo de pesquisa LinDA – Linguagem e Discursos da Atualidade (IFMA/CNPQ). Rosário, Maranhão (MA), Brasil. rodolfo.cabral@ifma.edu.br

pequenas frases que são produzidas por diferentes atores sociais, tais como jornalistas, personalidades políticas e assessores de comunicação. No que se refere à organização, pode-se dizer que essas sequências são breves e fáceis de serem memorizadas, o que contribui para sua ampla circulação. Além disso, dentre os aspectos do funcionamento dos enunciados destacados, salienta-se o fato de que eles podem ser mobilizados para marcar um posicionamento ou para mover peças dentro do tabuleiro do jogo político.

Considera-se que essas pequenas frases sejam aforizações, ou seja, enunciados produzidos pelo regime enunciativo aforizante, os quais, dentro do quadro teórico-metodológico da AD, podem ser abarcados pelo **percurso**, unidade não tópica em estreita relação com o fenômeno da destacabilidade, aqui compreendida como o ato de pôr em circulação determinada sequência de palavras associada a outras que formam o todo do texto.

Tendo em vista essas considerações iniciais, buscamos, com este texto, analisar, na perspectiva da enunciação aforizante, o funcionamento discursivo da frase “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado”, posta em circulação no teatro político brasileiro contemporâneo. Em certa medida, também problematizamos as famílias de participações. Para tanto, o texto está organizado em três partes, além desta introdução e das considerações finais: na primeira, assinalamos pontos teóricos sobre enunciação aforizante; na segunda, apresentamos a metodologia e o *corpus*; e, finalmente, na terceira parte, discutiremos sobre a análise, à luz da teoria.

2 ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE: BREVES APONTAMENTOS

A teoria sobre a enunciação aforizante é resultado de, pelo menos, dez anos de pesquisa, que culmina nas explicitações e discussões apresentadas na obra “Frases sem texto”, de Maingueneau, lançada no Brasil em 2014. Nessa obra, são detalhados os conceitos de sobreasseveração, aforizador, enquadres interpretativos, dentre outros¹. Para os fins deste texto, trataremos especificamente de aspectos gerais da enunciação aforizante, e exporemos a classificação dos enunciados produzidos por esse regime, especialmente o das participações, como veremos mais adiante.

Os enunciados produzidos sob esse regime estão em estreita relação com o que se chama de **pequenas frases**, ou seja, enunciados curtos, geralmente frases nominais, condensadas pela imprensa a partir de proferimentos de personalidades políticas ou de certo tipo de relevância em um dado momento. Diante da ampla produção e difusão de enunciados nos meios de comunicação, o jornalismo e a política se configuram como espaço central para a reapropriação discursiva, permitindo que enunciados sejam recuperados e ressignificados em diferentes contextos, por distintos enunciadore, com novas formulações.

A elaboração de **pequenas frases** é, então, uma atividade da comunicação que “concerne à capacidade de uma organização de fazer com que seus discursos sejam retomados em outras circunstâncias, por outros tipos de locutor, em outros termos, encarnados em outros gêneros e outros registros” (Krieg-Planque, 2018, p. 44). Todavia,

¹ Em Cabral (2021), traçamos um possível percurso para elaboração da teoria sobre o regime enunciativo aforizante.

é importante ponderar que os “fenômenos relativos à criação, circulação e retomada de enunciados sintéticos e destinados à notoriedade não são novos, e não são em nada específicos da esfera política” (Krieg-Planque, 2016, p. 19).

É que grande parte da atividade jornalística envolve a reformulação e reescrita de enunciados, caracterizando-se como um trabalho coletivo, em contraste com a imagem tradicional do escritor literário, frequentemente associado a um processo individual. Se considerarmos a sociedade digital na qual vivemos, com a crescente reconfiguração das mídias, é praticamente impossível dimensionar o potencial de destaque e de circulação desses enunciados, que podem se restringir a um pequeno grupo ou se propagar imediatamente pelo mundo inteiro. Ainda assim, não se pode perder de vista que essa ação de um terceiro para a formatação de um enunciado não é exclusividade da sociedade contemporânea, pois, mesmo as sociedades sem escrita dispõem de aforizações sentenciosas, por exemplo. Nesses casos, “a conservação passa por formatações específicas, em particular formas poéticas, destinadas a facilitar a estabilização e a circulação dos enunciados” (Maingueneau, 2015, p. 150).

As pequenas frases apresentam características semânticas e formais particulares, facilitando, inclusive, a questão da memorabilidade, ou seja, a ideia de que um enunciado é um traço e de que, por isso, deve-se levar em conta “uma cadeia de operações na qual intervêm vários atores que, a cada etapa, têm uma relação específica com o traço” (Maingueneau, 2015, p. 152). Ainda assim, entendemos que “não é tanto a dimensão retórica que fundamenta os *slogans* e as pequenas frases, e sim sua capacidade de condensar valores ou de produzir um acontecimento na cena pública” (Krieg-Planque, 2018, p. 123). Um exemplo dessas **pequenas frases** na imprensa brasileira é o compilado semanal da revista “Veja”, na seção ‘Veja Essa’.

FLP 27(1)

Podemos compreender que, dentro do quadro teórico-metodológico da AD, essa teoria foi desenvolvida a partir de **percurso**, unidade não tópica que permite explorar a dispersão de unidades lexicais, de frases ou de fragmentos de textos, evidenciando retomadas e transformações “do significado e/ou do significante de uma palavra ou de um grupo de palavras em uma série de textos, múltiplas recontextualizações de um mesmo texto ou fragmento de texto” (Maingueneau, 2015, p. 96).

Por essa unidade de análise, busca-se atravessar fronteiras, impostas especialmente pelos gêneros do discurso, de modo a estabelecer relações insuspeitas, pois parte-se do pressuposto de que “o sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e forças que excedem toda localidade” (Maingueneau, 2008, p. 26).

Por ‘percurso’, pode-se apreender enunciados destacados cuja ocorrência é facilmente observada nas notícias da mídia impressa, em que o paratexto (títulos, subtítulos, por exemplo) foi criado a partir de excertos do corpo da notícia ou a partir de falas públicas de personalidades políticas. Ocorre que, quando o “enunciado destacado não é mais um fragmento de texto, ele tem a ver com um regime específico, que chamaremos de aforização²” (Maingueneau, 2014, p. 27).

² O termo ‘aforização’ pode ser utilizado para se referir tanto ao regime enunciativo quanto aos enunciados produzidos por ele.

As aforizações podem ser organizadas em primárias ou secundárias, a depender do tipo de destacamento. O primeiro grupo abarca os enunciados destacados por natureza, ou seja, aqueles que foram concebidos para serem autônomos, tais como os *slogans*, os adágios jurídicos e os provérbios. No caso do segundo grupo, estão aquelas que foram destacadas de outros textos: citações célebres, manchetes entre aspas etc.

Em geral, os enunciados destacados sofrem alterações quando saem do texto-fonte. No caso das produções do campo midiático, essas alterações são elevadas ao paroxismo: o jornalista pode operar destacamento de diversas fontes e fabricar um único enunciado a partir de segmentos variados, e, ainda, pode manipular os enunciados, de forma que o locutor efetivo do enunciado-fonte não coincide com o locutor do enunciado destacado. No caso do campo político, essas ações promovem efeitos particulares, pois cada “sua circulação é facilitada, certamente graças à figura da repetição que aí se mobiliza, e, em grande parte, dada à concessividade de que participa o enunciado”³ (Krieg-Planque, 2011, p. 37, tradução nossa).

De toda forma, considerar a enunciação aforizante implica admitir que a atividade de fala corresponde a dois regimes distintos, ou seja, a duas formas particulares de se estabelecer a comunicação verbal e de se refletir sobre os participantes da interação. Ao regime aforizante opõe-se o regime textualizante, que inscreve cada enunciado no horizonte do gênero do discurso.

Para as produções do regime textualizante, o texto pode ser entendido de duas formas: como correlato de gênero do discurso ou como conjunto de frases que pode ser analisado quanto aos mecanismos de coesão ou aos fatores de coerência. Em linhas gerais, os enunciados produzidos no regime textualizante são trabalhados seguindo a teoria dos gêneros do discurso, mais especificamente aquelas filiadas à tradição do Círculo de Bakhtin.

Importa frisar que, de maneira alguma, assumir os regimes aforizante e textualizante implica admitir duas possibilidades de uma alternativa, como se os sujeitos pudessem escolher se suas produções se encaixariam em um regime ou outro. O ponto da questão é a relação paradoxal entre os regimes porque, mesmo implicando a descontextualização, um enunciado destacado só tem sentido no novo contexto em que é colocado, abrigado em um gênero do discurso.

Desse modo, compreende-se que as

enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação produzida por outro locutor [. . .]. A aforização vem, portanto, minar a compacidade da textualização (Maingueneau, 2010, p. 23).

Retomando a classificação das aforizações, há um grupo específico delas que

³ No original: “[...] la circulation en est facilitée, c’est certes grâce à la figure de répétition qui y est mobilisée, de même que plus largement grâce à la concessive à laquelle l’énoncé participe”.

funcionam para além das definições de primárias ou secundárias. São as ‘participações’ (Maingueneau, 2008, 2014), palavra-valise que combina participação e citação. Apesar de serem enunciados destacados, elas diferem das citações prototípicas: trata-se de uma forma singular de coenunciação porque gera um desnivelamento entre a voz do locutor que cita e uma voz **transcendental**, apresentando um estatuto específico para a figura do enunciador.

No que tange às singularidades, pode-se falar especificamente em participação quando o enunciado:

- for memorizável e autônomo, por natureza ou por destacamento de um texto;
- tiver a pretensão de ser reconhecido como citação, ainda que o locutor não indique a fonte;
- não for introduzido por um verbo *dicendi*;
- pertencer a um *thesaurus* partilhado por uma comunidade e por ele definida; e,
- implicar a figura de um enunciador que garante tanto a unidade do *thesaurus* e da comunidade quanto à adequação dos valores aos fundamentos de uma coletividade.

Sobre *thesaurus* (Maingueneau, 2014), que acima aparece como fundamental para se categorizar uma participação, é importante assinalar que essa noção corresponde a um tipo de **memória coletiva** de longa duração a partir da qual são mobilizados valores e conhecimentos partilhados por um determinado grupo em um determinado contexto histórico.

Ainda que se saiba que “é impossível estabelecer um sistema a priori dos modos de participação, de tal forma eles dependem da diversidade das situações sócio-históricas” (Maingueneau, 2014, p. 71), podemos assinalar, do ponto de vista classificatório, que as participações se organizam em, pelo menos, quatro famílias: as sentenciosas, as escriturais, as de grupo, e a dos *slogans* comerciais.

Cada uma dessas famílias de participações apresenta características específicas apontadas a seguir.

Primeiramente, temos as participações sentenciosas, que compreendem os provérbios e os adágios jurídicos. Na enunciação proverbial, o enunciado é produzido por duas vozes que se imbricam: a do sujeito falante, responsável pela enunciação, e a de um sujeito não empírico, que corresponde à **sabedoria popular**. Quanto aos adágios jurídicos, ocorre essa mesma justaposição, ainda que a voz de legitimidade seja o Direito. Mesmo assim, pode-se afirmar que “tanto em um caso como em outro, o enunciador invoca um hiperenunciador, outra instância não nomeada [...] reconhecida pelos seus interlocutores, membros da mesma comunidade de experiência” (Maingueneau, 2008, p. 98).

Outra família é a de participações gráficas⁴, que abarcam as **citações conhecidas**, comumente relacionadas a acontecimentos marcantes da história. Abrigam ainda os enunciados que circulam em comunidades mais circunscritas a partir dos quais seus

⁴ A depender da tradução, pode também aparecer como ‘participação escritural’ (Maingueneau, 2014).

usuários afirmam o seu pertencimento. É o que ocorre, por exemplo, com os cristãos, especialmente os evangélicos, nos casos em que os pregadores “recheiam suas pregações de aforizações tiradas da Bíblia sem marcá-las como citações, mostram por meio deste gesto que estão habilitados pelo Espírito, que fala por sua boca” (Maingueneau, 2014, p. 82).

A terceira família é a de particitações de grupo que, de modo geral, corresponde às aforizações que “permitem a fusão imaginária dos indivíduos em um locutor coletivo que, por sua enunciação, institui e confirma o pertencimento de cada um ao grupo” (Maingueneau, 2008, p. 103). Nesses casos, observa-se a existência de um ator coletivo, que não corresponde ao conjunto de locutores empíricos, mas que se institui na e pela enunciação.

Finalmente, temos os *slogans* comerciais, que se relacionam a uma marca e, por consequência, a um grupo de consumidores dos quais ela busca adesão. Em tese, nessas aforizações, a autoridade do hiperenunciador, por vezes imbricada à imagem de uma figura pública, se torna a autoridade que legitima a própria enunciação. De todo modo, é importante considerar que “os valores atribuídos a esse hiperenunciador não podem mascarar totalmente as finalidades puramente mercantis que são sua condição de existência” (Maingueneau, 2014, p. 78).

Esmiuçar um tanto mais as especificidades de cada uma dessas famílias foge do escopo deste texto; todavia, assinalamos a característica comum a todas elas: a figura do hiperenunciador que, no âmbito enunciativo, tanto garante a unidade dos enunciados pertencentes ao *thesaurus* quanto salvaguarda o pertencimento identitário dos membros dessa comunidade.

Feita essa breve explanação do aporte teórico, passamos para a apresentação do *corpus* da pesquisa.

FLP 27(1)

3 UM ENUNCIADO PARA UM MESMO VERÃO

Do ponto de vista metodológico, este texto investiga um ‘pequeno *corpus*’, compreendido como um conjunto de dados linguísticos (textos, discursos) coletado “ao voo”, enquanto um acontecimento está se desenrolando e sendo designado na mídia ou em outras esferas discursivas. Essa metodologia é frequentemente reservada para pesquisa em Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva, em que é inviável a análise quantitativa e a aplicação de *softwares*; trata-se de uma abordagem metodológica que impõe o “tratamento manual”, de modo a considerar que “as formas, as construções, as hesitações semânticas, mesmo (ou porque...) temporárias, constituem contribuições significativas às teorias e trabalhos que tentam articular o *sentido linguístico* e o *sentido social*”. (Moirand, 2020, p. 23).

Sendo assim, para este texto, o ‘pequeno *corpus*’ foi construído a partir da observação empírica da recorrente circulação de um enunciado: “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado”. Chamou-nos a atenção o fato de que ele era frequentemente mobilizado por personalidades políticas nos mais variados contextos. Buscamos coletar ocorrências desse enunciado e de suas possíveis variações em diferentes gêneros da imprensa impressa, televisiva e digital, sem nos atermos a um critério formal de triagem,

sendo suficiente, para os nossos objetivos com este texto, o próprio aparecimento do enunciado; são as ocorrências:

- a) Durante as campanhas presidenciais de 2018 o enunciado circulou, pelo menos, duas vezes. Uma delas ocorreu durante o debate realizado na Band transmitido ao vivo em 9 de agosto daquele ano, quando, em perguntas feitas diretamente entre os candidatos, Guilherme Boulos se dirige a Henrique Meirelles:

Meireles, você não é apenas o candidato do Temer porque aqui tem cinquenta tons de Temer. Muita gente, aliás, que tá dizendo que quer renovação, mudança, **tem que ver onde estava no verão passado**, tudo aprovando medida do Temer aqui (Band Jornalismo, 2018, grifo nosso).

Outra ocorrência se deu dias após o debate presidencial na rede social *Twitter*⁵, em que Boulos faz uma postagem sobre Meirelles. Em um dos segmentos do enunciado verbal da postagem, há a seguinte frase: “Estamos de olho e **sabemos bem o que vocês fizeram nas eleições passadas**” (Boulos, 2018, grifo nosso).

A postagem inclui ainda um iconotexto, em cuja composição importa, neste texto, observar a articulação entre o enunciado verbal “Eu sei o que fizeram na eleição passada” com tipografia que relembra a de filmes de terror, e o recorte de uma imagem do rosto do candidato adversário com semblante apreensivo.

- b) No contexto da crise política da base aliada do então presidente Jair Bolsonaro, quando, em outubro de 2019, Joice Hasselmann, à época líder do governo na Câmara, posta, também no *Twitter*⁶, que vem recebendo ameaças do “gabinete do ódio”⁷. Com a cisão do grupo, causada especialmente pela disputa por protagonismo dentro do Congresso, a deputada reclama de frequentes ataques no ambiente digital, e rebate: “[...] não se esqueçam que **eu sei quem vocês são e o que fizeram no verão passado**” (Zarur, 2019, grifo nosso).

Ainda nesse contexto da crise política no primeiro ano do governo Bolsonaro, a frase aparece na capa da edição nº 2600 da revista “Isto É” (2019), datada de 30 de outubro de 2019. O enunciado verbal em destaque na capa, em que se lê “O que eles fizeram no verão passado”, anuncia um conteúdo exclusivo para aquela edição em que se abordam temas espinhosos relacionados à família Bolsonaro; dentre eles os indícios de mal uso de dinheiro público.

Nessa mesma edição, há uma entrevista com Joice Hasselmann, que relata os ataques recebidos continuamente nas redes sociais. Perguntada sobre irregularidades na gestão Bolsonaro, ela responde: “Acho que o mais grave é a existência de uma grande rede

⁵ A alteração de nome para ‘X’ ocorreu em 23 de julho de 2023, depois da data de publicação dessas ocorrências.

⁶ A postagem original foi deletada da rede social. Todavia, uma reprodução dela pode ser acessada em uma matéria do jornal “O Globo”, de Zarur (2019).

⁷ Termo utilizado para definir uma das estratégias de comunicação utilizadas durante o governo Bolsonaro. Trata-se de uma “produção de propaganda e intimidação montada a pedido dos filhos” (Lynch, 2023, p. 90).

na Internet [...] começaram a fazer montagens com minha imagem [...] eu peguei uma dessas imagens e disse que **sabia o que eles fizeram no verão passado**” (Isto é, 2019, p. 27, grifo nosso).

- c) Na entrevista concedida ao jornal “O Estadão” no dia 24 de fevereiro de 2023, Flávio Dino, então ministro da Justiça do governo Lula, ao ser questionado sobre o destino político de Bolsonaro, responde: “Assim como quem não deve, não teme; quem deve teme. Então **eles devem saber o que eles fizeram no verão passado. Bolsonaro e os seus sabem o que fizeram no verão passado para ter tanto medo**” (Matais; Rosa; Frazão, 2023, grifo nosso).

Sendo essas as ocorrências que constituem o *corpus*, elaboramos um quadro contendo a sequência destacada e o respectivo enunciador, para melhor visualização.

Quadro 1 – Ocorrências da frase estudada

OCORRÊNCIA	LOCUTOR	ENUNCIADO
Ocorrência #1	Guilherme Boulos	Muita gente, aliás, que tá dizendo que quer renovação, mudança, tem que ver onde estava no verão passado, tudo aprovando medida do Temer aqui. Estamos de olho e sabemos bem o que vocês fizeram nas eleições passadas Eu sei o que fizeram na eleição passada
Ocorrência #2	Joice Hasselmann	[...] não se esqueçam que eu sei quem vocês são e o que fizeram no verão passado eu peguei uma dessas imagens e disse que sabia o que eles fizeram no verão passado
Ocorrência #3	“Isto É”	O que eles fizeram no verão passado
Ocorrência #4	Flávio Dino	Eles devem saber o que eles fizeram no verão passado. Bolsonaro e os seus sabem o que fizeram no verão passado para ter tanto medo

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

FLP 27(1)

4 UM NOVO VERÃO PASSADO

Em uma primeira entrada de análise, buscamos as coordenadas linguístico-enunciativas (Maingueneau, 2013) do enunciado, que ajudam a definir as características da situação de enunciação linguística, ou seja, o enunciador e coenunciador, momento e lugar da enunciação. É importante também verificarmos o funcionamento da embreagem, aqui entendida como “o conjunto de operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação” (Maingueneau, 2013, p. 129). Essa operação se manifesta pelas categorias de pessoa, tempo e espaço. Um embreante pode ter um “significado estável (‘eu’, por exemplo, designa sempre aquele que fala), mas caracteriza-se pelo fato de que seu referente é identificado em relação ao ambiente espaço-temporal de cada enunciação particular de onde ele se encontra” (Maingueneau, 2013, p. 110).

Observamos a presença de pessoas do discurso – ‘eu’ e ‘vocês’ – marcando as duas instâncias em que se instaura o processo interativo. A expressão “verão passado” funciona como um embreante temporal cujo ponto de referência é o momento da enunciação, sinalizando para uma estação anterior àquela em vigência. Todavia, essa ancoragem também pode ser interpretada como isolada da situação de enunciação. Esse dualismo imbrica dois planos enunciativos, o embreado e o desembreado, fazendo com

que a interpretação do enunciado seja construída levando-se em conta a tensão entre o duplo funcionamento do embreante, uma vez que o termo “passado” tem como referência o momento da enunciação: de um lado, no nível do enunciado, refere-se a uma estação do ano; de outro, firma-se em elementos fora da enunciação e do contexto, por se referir ao contexto, ou seja, a um dado período do governo Bolsonaro.

Como na estrutura da frase há a presença de um embreante de pessoa, o sujeito da enunciação a cada investidura, coincide com o sujeito da frase, fazendo com que um novo ‘eu’ seja incorporado a cada novo evento comunicativo, ainda que o **sentido original** do enunciado seja mantido. O mesmo ocorre com o embreante ‘vocês’, que se reatualiza a cada enunciação. Assim sendo, o ‘eu’ corresponde a uma primeira instância que tanto enuncia quanto se marca linguisticamente na enunciação, para se dirigir a uma segunda instância, cuja indicação em plural indica um coletivo e que, a cada novo investimento enunciativo, se remodela para se adequar a um contexto de uso inédito.

Essa tensão ocorre porque, na mesma medida em que o enunciado se ancora à situação de enunciação, instaurando precisamente os participantes do evento comunicativo, o enunciado com modalizador de atitude proposicional – “eu sei” – corresponde a uma enunciação que pretende ser verdadeira a qualquer tempo, ou seja, indica que o “enunciado é considerado como **sempre verdadeiro**, em todas as situações de enunciação e para qualquer enunciator” (Maingueneau, 2013, p. 137, grifo do autor).

Na postagem de Boulos, o embreante pessoal “você” aponta para a equipe de Michel Temer, aí incluído Henrique Meirelles, cuja chegada ao poder só foi possível em razão do impedimento de Dilma Rousseff. O embreante “verão passado” pode ser interpretado como relativo tanto ao **Golpe de 2016** (Miguel, 2019) quanto ao governo de Michel Temer, que propôs e conseguiu aprovar reformas de impacto na sociedade brasileira, como a previdenciária e a trabalhista.

Na postagem e resposta de Joice Hasselmann, “verão passado” pode referir-se às eleições do ano anterior, em que foram postadas em ambiente digital inúmeras notícias falsas relacionadas a Lula, possivelmente advindas do chamado ‘gabinete do ódio’.

De maneira diferente, o enunciado na capa de “Isto É” funciona como uma expressão que encapsula as ações referentes ao mau uso de dinheiro público, elencadas na própria capa. Já na fala de Flávio Dino, a expressão “verão passado” pode aludir a ações de Bolsonaro que podem tornar concretas as possibilidades de prisão e de inelegibilidade⁸.

Nesses dois casos, há subversão do enunciado original marcada no uso embreante ‘eles’, que promove um afastamento entre as duas instâncias enunciativas, correspondendo a uma não-pessoa (Benveniste, 1989), que não participa desse evento comunicativo. Não é o que ocorre nas falas de Boulos e de Hasselmann, em que o embreante “vocês” implica uma interlocução direta com o alocutário, ou seja, o primeiro se dirige diretamente a Meireles e copartidários; e Hasselmann, à família Bolsonaro. Na quase totalidade do *corpus*, pode-se atribuir a responsabilidade enunciativa a personalidades políticas, exceto na manchete de “Isto É”, em que temos uma

⁸ No dia 31 de outubro de 2023, o Tribunal Superior Eleitoral condenou Bolsonaro por abuso de poder no Bicentenário da Independência, e o declarou inelegível por oito anos.

instância enunciativa complexa (Maingueneau, 2008), por se tratar de uma enunciação institucional na qual convergem os diferentes pontos de vista registrados na revista. Nota-se ainda que o iconotexto dessa capa surge da sequencialidade entrelaçada (Cabral, 2024) de um trecho da entrevista concedida por Joice Hasselmann e de outras matérias contidas naquela edição, em um processo de destacamento que reforça a impressão inicial de que o enunciado seja uma aforização.

Podemos, então, organizar da seguinte maneira as ocorrências, conforme o contexto em que a formulação foi inserida e o possível efeito de sentido:

Quadro 2 – Contexto em que a formulação foi inserida e possível efeito de sentido

OCORRÊNCIA	CONTEXTO EM QUE A FORMULAÇÃO FOI INSERIDA	POSSÍVEL EFEITO DE SENTIDO
Ocorrência #1	Proferida por Guilherme Boulos em debate presidencial televisionado e posta em circulação em postagem no <i>Twitter</i>	“Eu” refere-se a Boulos; “vocês”, à equipe de Michele Temer, incluindo Henrique Meireles. “Verão passado” pode aludir ao “Golpe de 2016” ou ao governo Michel Temer e suas reformas.
Ocorrência #2	Proferida por Joice Hasselmann em entrevista concedida à revista “Isto É”, por ocasião dos ataques recebidos nas redes sociais	“Eu” refere-se a Joice Hasselmann; “vocês”, à equipe do presidente Jair Bolsonaro, mais especificamente ao chamado “gabinete do ódio”. “Verão passado” pode aludir à disseminação de conteúdo falso e desinformação durante as eleições de 2018.
Ocorrência #3	Manchete da edição n. 2600, de “Isto É”	“Eles” refere-se ao clã Bolsonaro. “Verão passado” encapsula elementos do universo político dessa família elencados na própria capa da edição: milícia digital, “rachadinha” de salários, compra de votos.
Ocorrência #4	Proferida por Flávio Dino em entrevista ao jornal “O Estadão”	“Verão passado” pode aludir a ações de Bolsonaro que resultaram em sua inelegibilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Apesar da não indicação de sua origem, o enunciado possivelmente foi destacado do título do filme “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado” (em inglês *I know what you did last summer*), lançado no ano de 1997 (Gillespie, 1997). Dirigido por Jim Gillespie e com roteiro de Kevin Williamson, a história se baseia no livro homônimo de Lois Duncan, publicado originalmente em 1973 (Duncan, 1973). A narrativa concentra-se na história de quatro jovens que passam a ser perseguidos um ano após ocultarem um acidente de carro no qual foram responsáveis pela morte de um homem. O incidente não é de conhecimento público, sendo compartilhado apenas pelos quatro amigos.

Partindo dessa narrativa-base que reveste o enunciado “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado”, compreendemos que ele motive inúmeros investimentos, permitindo diferentes interpretações. Em se tratando das ocorrências no *corpus*, ele, mesmo estando sob a forma de discurso direto, tensiona, pelo menos, duas instâncias, se distanciando da

FLP 27(1)

lógica de sobreposição enunciativa. Ao ser incorporado à fala do locutor como se fosse dele, simula e restitui o próprio significante, associando-se à não indicação da fonte da fala citada.

Outra interpretação possível é a de que, pelo enunciado, o locutor firma para si uma posição de superioridade frente ao alocutário, colocando-o em posição defensiva, e, ao mesmo tempo, intimidando-o, já que se pode interpretá-lo como ameaça de tornar pública uma informação sensível. Nesse sentido, com a expressão “eu sei”, o locutor afirma que, tanto o ocorrido, quanto o fato de conhecê-lo são irrefutáveis, não cabendo espaço para especulações. Nesse contexto, ter conhecimento sobre o que foi feito “no verão passado”, então, torna-se objeto de valor para o locutor, que, ao demonstrar posse dele, insinua que são moral e legalmente repreensíveis as ações feitas pelos interlocutores.

Como não há, no *corpus*, pistas explícitas para que se depreenda outras interpretações do enunciado, espera-se que o alocutário recorra ao *thesaurus* (Maingueneau, 2014), ou seja, a um tipo de **memória coletiva** para que possa reconhecer a narrativa do filme. Todavia, no caso em tela, apenas a ativação do *thesaurus* é insuficiente para a interpretação dessa participação uma vez que, a depender do contexto em que ela foi posta a circular, promove-se diferente efeito de sentido. No *corpus*, identificamos que os locutores não apenas extraíram o enunciado do contexto original de circulação, mas o exploraram em uma determinada direção, segundo os processos de captação e subversão: o primeiro, concernente a um desvio “garantindo ao máximo o sentido da estrutura semântica assim explorada”, e o segundo, relacionado a “mostrar uma contradição entre o sentido veiculado pela enunciação da estrutura original e o da enunciação da estrutura resultante do desvio” (Maingueneau, 2010, p. 175).

FLP 27(1)

Em todas as ocorrências do enunciado no *corpus*, é notória a pujança do *thesaurus* para a interpretação do tom ameaçador, de que, diante das circunstâncias, o enunciador, por conhecer fatos comprometedores não revelados, os tornará públicos. Sendo assim, consideramos que ele tenha sido produzido pelo sistema de participação cujas características assinalamos a seguir: o enunciado apresenta memorabilidade e autonomia, tendo sido destacado de outro contexto; não há indicações expressas do texto de origem, apenas marcas de um deslocamento interno à enunciação; não foi introduzido por verbo *dicendi*; o enunciado mantém aspectos do significante, mas foi reconstituído em uma determinada variação; e o locutor supõe que ele e seu alocutário partilhem de um mesmo *thesaurus*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos que o enunciado “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado” foi destacado do título de um filme e posto a circular no contexto político brasileiro, à maneira de uma pequena frase. Considerou-se que essa sequência linguística tenha sido produzida sob o regime enunciativo aforizante, hipótese que se tornou mais plausível com o avanço da análise em que foram evidenciadas propriedades do sistema de participação, dentre as quais destacamos especialmente a memorabilidade, a ausência de indicação explícita de fonte, e a necessidade de ativação do *thesaurus* para interpretá-la.

Observou-se que a construção enunciativa do enunciado estudado envolve um jogo de emblemas discursivos ('eu', 'vocês'), os quais ativam um processo interativo que se remodela conforme o contexto de uso. Em sua resignificação, o enunciado mantém relação com a narrativa cinematográfica homônima, cujo conhecimento exige a ativação de um sistema de conhecimento partilhado por uma dada comunidade. O *corpus* analisado demonstrou que a apropriação desse enunciado ocorre a partir de dois processos fundamentais: a captação, que mantém a estrutura semântica original, e a subversão, que gera uma tensão entre o sentido original e a nova enunciação.

Do ponto de vista classificatório, enfrentamos dificuldade em enquadrar o enunciado analisado em uma das famílias de participação registradas na literatura. Por um lado, poderíamos enquadrá-lo como pertencente às participações de grupo, já que há a presença de um ator coletivo correspondente ao grupo de locutores que mobilizam o enunciado e à presença do hiperenunciador que lhe garante a unidade. Entretanto, ainda que se considere a transitoriedade desse grupo, são variáveis as circunstâncias em que tal enunciado é mobilizado. Por outro lado, tender-se-ia a enquadrá-lo como da família de participações escriturais, aquelas que abarcam as frases célebres e citações de autores que circulam em comunidades bastante restritas, mas esse grupo de participações abrange aforizações de um campo erudito, destinadas ao meio culto, o que não parece ser o caso de um enunciado destacado de um *slasher* adolescente do final dos anos 1990.

A participação estudada, então, apresenta-se como um entrave, se considerados os registros canônicos sobre as participações. Acreditamos que ela não seja um caso isolado, especialmente se considerarmos a proliferação de enunciados destacados advindos da indústria cinematográfica e fonográfica, sobretudo a estadunidense.

FLP 27(1)

Recebido em abril de 2025

Publicado em agosto de 2025

REFERÊNCIAS

BAND JORNALISMO. **Debate na Band: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidenciais** [internet]. São Paulo: Band Jornalismo; 9 ago. 2018. 1 vídeo: 256 min. Disponível em: https://www.youtube.com/live/9EnJeUKwX_c?t=9380s. Acesso em: 3 fev. 2025.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

BOULOS, G. [Postagem sobre Henrique Meirelles na rede social X (antigo Twitter)]. [internet]. [S. l.], 13 ago. 2018. Disponível em: <https://x.com/GuilhermeBoulos/status/1029135106626281472?s=20>. Acesso em: 3 fev. 2025.

CABRAL, L. R. **O reino e as rebeldes: funcionamento discursivo do destaque em capas de revista**. Araraquara: Letraria, 2024. Disponível em: <https://www.letraria.net/download/o-reino-e-as-rebeldes-o-destacamento-em-capas-de-revista/>. Acesso em 27 ago. 2025.

CABRAL, L. R. Da sobreasseveração para a aforização: percurso teórico para um regime enunciativo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, n. 1, p. 33-49, 2021.

- DUNCAN, L. **I know what you did last summer**. Boston: Little Brown, 1973.
- GILLESPIE, J. **I know what you did last summer** [filme]. Direção: GILLESPIE, J.; Roteiro: WILLIAMSON, K. [S. l.]: Columbia Pictures, 1997. 1 filme: 101 min., color.
- ISTO É. **Edição 2600**. São Paulo: Editora Três, 2019.
- KRIEG-PLANQUE, A. Les “petites phrases”: un objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques. **Communication & Language**, n. 168, p. 23-41, 2011.
- KRIEG-PLANQUE, A. As pequenas frases: um objeto para análise dos discursos políticos e midiáticos. In: BARONAS, R. L.; LIMA, R. R.; MORAES, G. A.; OLIVEIRA, H. (org.). **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica: abordagens discursivas**. São Paulo: Pontes, 2016. p. 13-38.
- KRIEG-PLANQUE, A. **Analisar discursos institucionais**. Tradução: SALGADO, L. S.; BOSCHI, H. Uberlândia: EDUFU, 2018.
- LYNCH, C. E. C. A utopia reacionária: radicalismo conservador, erosão democrática e instabilidade política no governo Bolsonaro. In: FONTAINHA, F.; MILANI, C. R. S. (org.). **Covid-19 e agendas de pesquisa nas ciências sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2023. p. 65-95. doi:10.7476/9788575116067.0003.
- MAINGUENEAU, D. A noção de hiperenunciador. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). **Cenas da enunciação**. Tradução: BARONAS, R. L.; MONTANHEIRO, F. C. São Paulo: Parábola, 2008. p. 93-111.
- MAINGUENEAU, D. Polifonia, provérbio e desvio. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; POSSENTI, S. (org.). **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução: SOUZA-E-SILVA, M. C. P. São Paulo: Parábola, 2010. p. 171-186.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de texto de comunicação**. 6. ed. ampl. e rev. Tradução: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; ROCHA, D. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução: POSSENTI, S. São Paulo: Parábola, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: POSSENTI, S. São Paulo: Parábola, 2015.
- MATAIS, A.; ROSA, V.; FRAZÃO, F. ‘Bolsonaro e os seus sabem o que fizeram no verão passado’, diz Dino sobre risco de prisão. **Estadão**, 24 fev. 2023, Política. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-os-seus-sabem-o-que-fizeram-no-verao-passado-diz-dino-sobre-risco-de-prisao/>. Acesso em: 3 fev. 2025
- MIGUEL, L. F. **O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Expresso Popular, 2019.
- MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. **Revista Linguasagem**. Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, n. 36, p. 20-41, 2020. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826/476>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- ZARUR, C. Joice Hasselmann manda recado ao clã Bolsonaro: ‘Sei o que fizeram no verão passado’. **O Globo**, 18 out. 2019, Política. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/joice-hasselmann-manda-recado-ao-cla-bolsonaro-sei-que-fizeram-no-verao-passado-24027083>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FLP 27(1)